



**A CARNAVALIZAÇÃO ENTRE A FARRA E O FAZER POLÍTICO:
REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA**

Alberto Bomfim da Silva¹

INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX foram de efervescência dos movimentos negros no Brasil. Em Vitória da Conquista muitos grupos somaram-se a esse coro. Este artigo busca problematizar o lugar do processo de carnavalização na constituição desses grupos na cidade, defendendo um campo teórico que aponta para as situações em que o processo de lida com o festivo metamorfoseia-se em uma prática política.

Segundo o jornal “O Combate”², em 1964, a Prefeitura Municipal participa oficialmente do carnaval, que já acontecia desde o início do século, encarregando-se de delimitar circuitos, enfeitar ruas, preparar serviços públicos e organizar um concurso para premiar os “melhores” cordões, batucadas, afoxés e escolas de samba. Em 1989, segundo o relatório da Secretaria de Cultura³, as entidades carnavalescas de Vitória da Conquista escolhem alterar a data dos festejos, abandonando o tradicional período da quaresma e mudando, também, o nome da festa para Micareta, opção já realizada por outras cidades conhecida como “carnaval fora de data”. Desde então, há um crescimento da festa, que no final da década de 1990 ganha ares de “profissionalização” (MOURA, 1996, p. 186) com os blocos de trios tornando-se atrativos para milhares de pessoas, mimetizando, com mais intensidade, o carnaval da cidade de Salvador, num processo que acabou por minar o prestígio e o espaço que ocupavam na festa as escolas de samba, afoxés e blocos afros, cujas práticas culturais remetiam para possíveis identidades negras e mestiças. Aparentemente, sua permanência na festa, torna-se cada vez mais um signo de resistência cultural e de práticas discursivas que acabaram por forjar as lideranças dos movimentos negros da cidade. Em 2008, chega ao fim a festa carnavalesca organizada oficialmente pela

1 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL pela Universidade do Sudoeste da Bahia - UESB. Graduado e pós-graduado em História também pela UESB. (betobomfim1@gmail).

2 Fonte: jornal O Combate, ed. fevereiro de 1964 - APMVC edições do período de 1934 a 1964.

3 Fonte: APMVC – fundo cult. E turismo; Grupo – dir. cultura; Série – Micareta; data limite 1989 -2002.



Prefeitura Municipal.

Os desfiles de escolas de samba, afoxés e blocos afro traziam à cena processos de subjetivação que remetiam ao burlesco, ao lascivo, à alegria, à farra, etc. e, ao mesmo tempo, articulavam identidades culturais e ofereciam um questionamento às convenções do cotidiano por meio das práticas carnavalescas. Nesse sentido, a carnavalização pode operar sistemas de signos de desconstrução e reconstrução do mundo social. Para o caso deste estudo interessa, sobretudo, as desconstruções e reconstruções que se operaram em tornos dos signos étnico-raciais no carnaval conquistense no período de 1954 a 2008 e qual sua relação com os movimentos negros da cidade.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesse estudo constituiu-se principalmente na compilação e análise das diversas fontes escritas, iconográficas, orais e audiovisuais e seu cruzamento entre si. A maior parte desse material está no arquivo dos Agentes de Pastorais Negros - APNs de Vitória da Conquista e no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista (APMVC), que gentilmente permitiram o acesso às fontes. Foram realizadas entrevistas com pessoas que participaram dos carnavais e dos movimentos negros. Analisou-se documentos diversos produzidos pela Secretaria da Cultura tais como: relatórios de atividades das micaretas de 1989 a 2008; demonstrativo de aplicação de recurso; correspondência da Secretaria de Educação de 1975 a 1982; relatórios do posto do Mobral em Vitória da Conquista e outros documentos.

Também foram analisados diversos jornais como “O Combate” e crônicas do período estudado. Uma quantidade significativa de fotografias das festas carnavalescas contribuiu para este estudo. “Diz-se hoje, então, a respeito da imagem visual, que é uma unidade de manifestação autossuficiente, um todo de significação - um texto ou discurso, então - suscetível de análise” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.571), com isso, a fotografia compõe o tipo de texto que pode servir como fonte para o historiador, pois se pode percebê-la dentro de suas possibilidades e limitações semióticas. Ela tem a vantagem de oferecer ao pesquisador uma imagem fiel, de parte de uma dada cena, guardando um caráter não-verbal inacessível à escrita; ao mesmo tempo, parte de seu texto é verbalizada no momento em que é vista.

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, centrada na História, em diálogo com



a Antropologia e a Sociologia e, de modo geral, com as ciências humanas e sociais. Como suporte bibliográfico foram consultados diversos autores. As questões relacionadas aos movimentos associativos negros e do racismo foram abordadas a partir dos trabalhos de Larissa Viana (2007) e Gohn (1997). Na abordagem de temas relacionados às trocas culturais das populações negras e mestiças de Vitória da Conquista, importaram as pesquisas de Itamar Aguiar (2007), Rosalvo Lemos (1995), Flávio Passos (2012) e Isnara Ivo (2012). Para as reflexões sobre liberdade, invisibilidade e direitos sociais, em contextos de racialização, foram importantes as obras de Wlamyra Albuquerque (2009), Gomes & Domingues (2013), Cunha & Gomes (2007) e Lilian Schwarz (1993). As leituras de Bakhtin (2013), Hall (2011), Foucault (2013), Paul Gilroy (2001), Roger Chartier (2002) subsidiaram as reflexões sobre linguagem, identidade e representação, entre outros.

Esse estudo está inserido também na História do Tempo Presente, entendendo a História como uma investigação do ser humano no tempo, a partir das demandas atuais. Há uma constante interação do presente e do passado pelas realizações humanas, uma dialógica passado/presente, portanto um conhecimento não estático. Acompanha-se a sugestão de François Bédarrida, de que estudar os problemas, e não os períodos, é “o caminho da salvação para a história do tempo presente e também para toda a disciplina histórica” (BÉDARRIDA, 2002, p.226). Assim, o exame aqui realizado atém-se mais a questões da problemática que às periodizações. Por isso mesmo, a baliza temporal ganha fluidez em diversas passagens do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As inquietações que movem este artigo surgiram no período do mestrado quando se pesquisou sobre os Agentes de Pastoral Negros de Vitória da Conquista⁴, os APNs, o grupo tem uma história rica de lutas, debates, ações políticas, projetos socioeducacionais, mobilizações, assim como também muitas alianças, intrigas e contradições. Ali se percebeu os indícios de uma ligação entre os APNs de Vitória da Conquista e a formação discursiva que envolvia os grupos carnavalescos. Os documentos agora coletados no APMVC não só confirmaram essa ligação, mas apontam que a mesma relação aconteceu com outras entidades ligadas ao movimento negro. Entende-se aqui os movimentos negros como

4 Fonte: <http://www.uesb.br/ppgcel/dissertacoes/2013/Alberto%20Bomfim%20da%20Silva.pdf> acesso em 11.03.17.



parte dos movimentos sociais. “Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais...” (GOHN, 1997, p. 251).

As entidades carnavalescas seriam então “associações culturais” e não entidades de movimentos sociais, já que a princípio, elas não se dispunham a uma “ação sociopolítica”. Seu objetivo seria a festividade. No entanto, as fontes aqui estudadas contribuem para borrar as fronteiras entre movimento social e associação cultural já que, suas ações, embora se pretendessem restritas à festa, operavam linguagens musicais, corporais, religiosas, estéticas, enfim, que transcendiam para o campo da ordem da construção política.

Importa dizer que a prática carnavalesca não se resume aos três dias da festa. Ela se prolonga pelo ano, mesmo que com menor intensidade, nas expectativas e preparações da festa; na literatura e na iconografia e em outras práticas discursivas que resignificam o carnaval na vida das pessoas. Essas práticas formam um ‘discurso carnavalesco’ “que consiste em não mais tratar o discurso como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos e representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2013, p. 60). Logo, implica pensar que as práticas culturais do discurso carnavalesco, ao trazer à cena aspectos da cultura afro-brasileira que aquela sociedade se esforçou para invisibilizar, metamorfoseiam-se em práticas políticas, sobretudo, porque no plano do carnaval é comum que essas práticas culturais apareçam em enunciados que as positivam socialmente, num meio social que normalmente as inferiorizam. Isso fica expresso no Código de Posturas Municipal de 1954:

É expressamente proibido sob pena de multa ou prisão: I – Perturbar o sossego público com ruídos e sons excessivos evitáveis tais como: [...] II – Promover batuques, sambas, candomblés, e outros divertimentos congêneres na cidade, vilas e povoados, sem licenças das autoridades, não se compreendendo nesta vedação os bailes e reuniões familiares⁵.

Na visão dos vereadores que aprovaram tal lei - e da parcela da população que eles representavam, ou seja, as famílias tradicionais da cidade - batuques, sambas, candomblés e outros divertimentos dos afro-brasileiros eram ruídos, coisas primitivas, por isso evitáveis. Enquanto os sons emitidos nos bailes e casas das famílias da elite conquistense eram “civilizados”. A lei chega a expressar com violência de linguagem que as famílias em meio as quais ocorrem aqueles divertimentos, não sejam de fato família, ficando aí subentendido que o único modelo de família possível seria o da família burguesa.

Nesses carnavais de 1950 a 1990, no abrigo das escolas de samba, blocos, batucadas



e afoxés, uma “grande quantidade de pessoas com suas peles escuras e cabelos crespos”⁶ se expunham à rua requalificando e afirmando valores estéticos negros e mestiços, resignificando coletivamente representações sociais que, normalmente, não eram bem vistas no conjunto daquela sociedade ou de sua elite social. Nesse contexto, o próprio corpo se converte num enunciado que positiva suas qualidades estéticas na corrente da linguagem carnavalesca.

Mais contundente era o próprio desfile dos diversos Afoxés, grupos carnavalescos que frequentemente estão associados a algum terreiro de candomblé. Possivelmente para algumas pessoas, era acintoso vê-los desfilarem, descer a Rua dos Andrades e passar ao longo da lateral da catedral Católica, com seus trajes chamativos, cores vivas; representações de orixás; mulheres com danças xamânicas de mestiçagens indígenas e africanas, colares e miçangas que dançam junto com o corpo, cantando mantras do terreiro como ‘Odé comorodé odé arerê, odé comorodé’.

O resultado da pesquisa aponta para as situações em que o processo de lida com o festivo musical metamorfoseia-se em uma prática política. As fotografias, entrevistas, documentos escritos e outras fontes do período de 1954 a 2008, demonstram desdobramentos sociais da embriaguez festiva, das contradições da sociedade conquistense e do protagonismo negro, através da coexistência da farra e da prática política no conjunto estético da carnavalização. Enfim, esse processo fomentou o surgimento dos diversos movimentos negros de Vitória da Conquista a partir da década de 1980.

Palavras-chave: Carnavalização. Culturas afro-brasileiras. Movimentos negros.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovicht. **Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 2013.

BÉDARRIDA, F. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

⁶ Fonte: Entrevista concedida por Elizabeth Ferreira Lopes Moraes, em 11/03/2017.



CARDOSO, Ciro F.; MAUAD Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo Vainfas. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural:** entre práticas e representações. Trad. M. M. Galhardo. 2.ed. Alges: Difel, 2002.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. **Quase cidadãos:** histórias e antropologia da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GYLROY, Paul. **O atlântico negro.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais:** Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Da nitidez e invisibilidade:** legados do pós-emancipação no Brasil. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013

IVO, Isnara Pereira. **Homens de caminho:** trânsitos culturais, comércio e cores nos sertões da América portuguesa. Século XVIII. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&a, 2011.

LEMONS, Rosalvo. **As batucadas em Vitória da Conquista:** identidades culturais, ritmos e representações. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Memória Social. UNIRIO, 2001, 144 pp.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MOURA, Milton Araújo. A Música como Eixo de Integração Diferencial no Carnaval de Salvador, **CADERNO CRH**, Salvador, n.24/25, p.171-192, jan./dez. 1996

PASSOS, Flávio José dos. Beco de (vò) Dola: **Territorialidade e ancestralidade negra em Vitória da Conquista.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentado à PUC de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições, e a questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alberto Bomfim da. **Os Agentes de Pastorais Negros em Vitória da Conquista.** Dissertação de mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, UESB, 2015.



VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

FONTES

APMVC (Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista): Acervo de fotografias das escolas de samba e afoxés de Vitória da Conquista 1970 a 1991. Relatórios de atividades da Secretaria da Cultura (Fundo Cult. e Turismo / Grupo dir. cultura / Série Micareta / 1989 a 2002). Correspondência da Secretaria de Educação (Fundo 04 / Sec. Educação / Série Correspondência recebida / 1975 a 1989). Jornal O Combate – edições de 1934 a 1964.

AAPN (Arquivo dos APNs): Fotografias de encontros dos movimentos. Relatórios de atividades dos APNs. Documentos arquivados da Câmara de vereadores e AL. Jornais e revistas de época.

VIANA, Aníbal Lopes. Revista Histórica de Conquista: Gráfica de “O Jornal de Conquista” v. 1 e 2, 1982.

TANAJURA, Mozart Tanajura. Histórias da Conquista: crônicas de uma cidade, 1992.